

Sequência textual e uso de construções conclusivas

Mayra França Floret*

Resumo

As construções conclusivas do português são representadas pelo esquema [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2], em que o slot CONECTOR pode ser preenchido por diversos conectores, dentre eles, “portanto”, “por isso”, “logo” e “então”. Apesar de essas quatro construções serem, de maneira geral, consideradas sinônimas na expressão da relação de conclusão, tendo em vista o Princípio de Não Sinonímia (Goldberg, 1995; Croft, 2001), é possível pressupor que haja diferenças de sentido entre elas, o que motivaria o falante a usar uma forma e não outra(s) em determinados contextos. Assim, o objetivo deste estudo é investigar a influência do segmento discursivo mais amplo na escolha pela construção. Em outras palavras, buscamos verificar a possível correlação entre sequência textual (Paredes Silva, 1997; Adam, 2008; Arena, 2008; Vieira, 2016) e construção conclusiva. Por se tratar de construções existentes na língua desde registros mais remotos (Martelotta; Silva, 1996; Barreto, 1999; Longhin-Thomazi, 2006; Oliveira, 2011; Floret, 2022), analisamos suas trajetórias em três períodos da história do português: período arcaico, clássico e moderno/contemporâneo (Mattos e Silva, 1994, 2007; Castro, 2013). Os dados foram coletados em uma amostra com textos representativos desses três períodos, e analisados estatisticamente no programa GoldVarbX (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Os

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora e mestre em Linguística (UERJ). Professora adjunta na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-2272-9124>

resultados encontrados apontam evidências favoráveis de que a sequência textual é um dos fatores que motivam a escolha de construções específicas. Há correlação entre conectores adverbiais e sequências narrativas, assim como entre conectores preposicionais e sequências expositivas.

Palavras-chave: construção conclusiva; sequência textual; estudo diacrônico.

Textual sequence and use of conclusive constructions

Abstract

The conclusive constructions in Portuguese are represented by the scheme [Segment 1 CONNECTOR Segment 2], in which the slot CONNECTOR may be filled by several connectors, including “portanto”, “por isso”, “logo” and “então”. Although these four constructions are generally considered synonymous in expressing conclusive relation, based on the Principle of No synonymy (Goldberg, 1995; Croft, 2001), it is possible to assume that there are differences in meaning among them, which would motivate the speaker to use one form and not the other(s) in certain contexts. Therefore, the objective of this study is to investigate the influence of the broader discursive segment on the choice of the construction. In other words, we intend to examine the possible correlation between textual sequence (Paredes Silva, 1997; Adam, 2008; Arena, 2008; Vieira, 2016) and conclusive construction. Concerning the fact that these constructions exist in language since remote records (Martelotta; Silva, 1996; Barreto, 1999; Longhin-Thomazi, 2006; Oliveira, 2011; Floret, 2022), we analyze their trajectories across three periods of Portuguese language history: archaic, classical, and modern/contemporary periods (Mattos e Silva, 1994, 2007; Castro, 2013). The data were collected

in a sample with representative texts from these periods, and statistically analyzed using GoldVarbX program (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). The results provide evidence that the textual sequence is one of the factors influencing the choice of specific constructions. There is a correlation between adverbial connectors and narrative sequences, as well as between prepositional connectors and expository sequences.

Keywords: conclusive construction; textual sequence; diachronic study.

Recebido em: 26/03/2024 / Aceito em: 29/09/2024

1 Introdução

A relação de conclusão pode ser expressa através de diferentes construções, conectadas por diversos elementos. Dentre elas, consideramos aquelas conectadas por quatro conectores: “portanto”, “por isso”, “logo” e “então”. Apesar de servirem para a expressão da mesma relação, tendo em vista o Princípio de Não Sinonímia (Goldberg, 1995; Croft, 2001), podemos esperar que, por serem diferentes na forma, sejam também diferentes no significado, ainda que de forma sutil.

Por conta disso, este artigo, que faz parte de um estudo mais amplo sobre a trajetória de construções conclusivas na língua¹, tem como principal objetivo verificar se o segmento em que ocorre a construção conclusiva pode favorecer a escolha por uma construção e não por outra. Em outras palavras, verificamos se a sequência textual (Paredes Silva, 1997; Adam, 2008; Arena, 2008; Vieira, 2016; Floret, 2022) é um dos fatores que levam o falante a usar a construção com um dos quatro conectores mencionados.

A possível correlação entre sequência textual e construção conclusiva é examinada ao longo do tempo. Assim, este é um estudo diacrônico, que considera o intervalo temporal entre os séculos XIII e XXI. Dessa maneira, além de observar o fenômeno no estágio atual da língua, podemos investigar de que maneira a sequência pode ter sido um fator decisivo na escolha da construção conclusiva ao longo das trajetórias das quatro construções analisadas.

¹ Este artigo apresenta parte dos resultados encontrados durante o desenvolvimento da tese de doutorado da autora (ver Floret, 2022).

Os elementos que diferenciam uma construção da outra, os conectores, se desenvolveram em nossa língua através de mudanças sofridas por elementos adverbiais ou preposicionais com valor adverbial (Oliveira, 2011). Por conta disso, com exceção de “logo”, esses elementos conectivos ainda compartilham características de conjunção e advérbio, ou seja, são elementos híbridos, e estão a caminho de se gramaticalizarem como conjunções (Pezatti, 2000).

O conector “logo” tem origem como advérbio temporal (Longhin-Thomazi, 2006; Oliveira, 2011). Surgiu a partir do advérbio latino *locus* que, além de poder expressar tempo, também poderia ser utilizado com sentido de lugar (Oliveira, 2011). Diferentemente dos demais elementos em análise, “logo” apresenta características que o aproximam de uma conjunção prototípica, como por exemplo, sua posição fixa no início do segmento conclusivo (Quirk *Et al*, 1985; Oliveira, 2011; Floret, 2022).

De acordo com Longhin-Thomazi (2006), a interpretação de “logo” com conjunção surge em um contexto de ambiguidade, em que o elemento tanto pode ser interpretado com sentido de tempo, como “em seguida”, mas também como conjunção, estabelecendo conexão entre dois segmentos. Em outras palavras, “logo” passa de sequenciador de eventos, para sinalizador de sucessão entre eventos no texto. Entretanto, seu uso como advérbio temporal ainda permanece na língua. Como ressalta a autora, a trajetória de “logo” é um exemplo do surgimento de categorias mais gramaticais a partir de categorias menos gramaticais.

Outro conector que também surge a partir de usos temporais é “então”. Originalmente, indica coordenadas espaciais e

temporais, até que começa a também exercer funções no discurso (Martelotta; Silva, 1996). Surge a partir de usos sequenciais, em que uma oração é apresentada como consequência do que foi dito no segmento anterior. Conforme Paiva (1991, 1996) e Neves (1998), elementos desse tipo podem desenvolver usos causais ao longo do tempo, já que sequencialidade temporal é um dos elementos essenciais da relação de causa. Assim como “logo”, “então” ainda é utilizado para indicar relações de tempo.

Os outros dois conectores considerados neste estudo, “portanto” e “por isso”, têm a mesma base em comum: a preposição “por”. “Portanto” surge a partir da junção dessa preposição com o indefinido “tanto”, e essa junção passa a ser acessada como uma unidade independente (Barreto, 1999; Oliveira, 2011). O uso como conector vem de seu papel anafórico e relacional, com sentido de “por tudo isso”. Desse sentido mais concreto, surge o sentido mais abstrato como elemento conectivo.

Por sua vez, “por isso” se origina a partir da junção da preposição “por” com o demonstrativo “isso”. Desde registros mais remotos, o conector é encontrado expressando sentidos como “por essa razão” (Barreto, 1999; Oliveira, 2011). Conforme aponta Oliveira (2011), a partir do século XV, “por isso” ganha frequência por já não competir mais com a forma “por en(de)”, que se fixa com sentido de contraste. Para a autora, esse conector costuma estabelecer relações menos subjetivas, como a que ocorre entre causa e consequência, ainda que também possa estabelecer relações mais subjetivas, como a de premissa e conclusão. O caráter mais objetivo do conector parece se refletir nos dados que serão analisados ao longo deste artigo, visto que seu uso está atrelado principalmente a trechos discursivos com menor envolvimento do falante.

Apesar de os elementos conectivos terem um papel central na análise, entendemos seu funcionamento em relação aos segmentos conectados por eles, como será esclarecido mais adiante. Na próxima seção, apresentamos os pressupostos teóricos que norteiam o desenvolvimento deste estudo.

2 Construções em sequências textuais

Neste estudo, entendemos a língua como um inventário de construções, que são associações entre uma forma e um significado (Goldberg, 2006; Traugott; Trousdale, 2013). As construções aqui analisadas podem ser capturadas pelo esquema [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2], em que o *slot* CONECTOR é preenchido por quatro conectores: “portanto”, “por isso”, “logo” e “então”.

Em consonância com os pressupostos que definem os Modelos baseados no Uso, entendemos que a experiência do falante, ou seja, o uso, tem papel central na produção e processamento da língua (Boyland, 2009; Bybee, 2010; Bybee; Beckner, 2010; Ibbotson, 2013; Diessel, 2015). Dessa maneira, o falante faz uso de construções conclusivas em textos, sejam eles orais ou escritos, que, por sua vez, são formados por sequências textuais com funções diversas, como argumentar, narrar, descrever, expor e dialogar.

As sequências textuais integram os gêneros textuais; um mesmo gênero é formado por sequências com funções distintas, ainda que possa favorecer a ocorrência de determinados tipos. Para Adam (2008, p.204), sequências textuais são entidades relativamente autônomas, que ocorrem dentro de textos, mas que possuem organização interna própria. Em outras palavras,

ao mesmo tempo em que são ligadas ao texto, têm suas próprias características específicas que independem do gênero textual.

Adam (2008) e Vieira (2016) propõem classificar as sequências conforme sua função principal. Assim, sequências textuais podem ser de cinco tipos diferentes: narrativas, argumentativas, expositivas, descritivas e dialógicas.

A sequência narrativa é aquela cuja função central é narrar fatos, ordenar a ocorrência de eventos na linha do tempo. Por conta disso, são compostas normalmente por formas linguísticas que remetem ao passado. O exemplo (1), que narra experiências vividas pelos personagens em situações passadas, ou seja, conta uma história, ilustra esse tipo de sequência.

(1) Foram aplaudidos de todos os circunstantes , e de El-rei tão benignamente ouvidos , que não só com grandes demonstrações de alegria lhes significou o gosto , que tivera da feliz aclamação de El-rei Nosso Senhor ; mas também lhes assegurou , que viria em tudo o que na embaixada lhe propunham , e que jamais faltaria ao reino de Portugal naquilo , que fosse em sua mão , logo lhes nomeou por comissários da embaixada ao conde de Pembrot , ao conde de Arandel , ao duque de Linot , ao Marquês de Lile , e ao secretário de Estado (Século XVII – Gazeta da restauração. Grifo nosso.).

Além de contar histórias, também usamos a língua para assumir posicionamentos com base em premissas e fatos assumidos como verdadeiros. De acordo com Adam (2008), a tomada de uma conclusão a partir de uma premissa faz parte do processo argumentativo. Assim, a sequência argumentativa é mais subjetiva, já que envolve o estabelecimento de um posicionamento pessoal por parte do emissor. Por conta disso, é provável que nela apareçam expressões modalizadoras que deixam evidente a subjetividade do que é dito. O exemplo

(2) ilustra o uso de uma construção conclusiva em uma sequência argumentativa.

(2) parece me Jemte de tal Jnoçençia que se os homem emtendese E eles a nos . que seriam logo cristaa~os porque eles nom teem nem emtendem em nhuu~a creemça segumdo parece . E portamto se os degradados que aquy am de ficar . aprenderem bem a sua fala E os entenderem ./ nom doujdo segumdo a santa tençam de vosa alteza fazerem se cristaa~os E creerem na nossa samta fe (Século XV – Carta de Caminha. Grifo nosso.).

O autor da carta deixa claro que acredita que os índios se tornariam cristãos facilmente se pudessem se comunicar com os portugueses. A razão de ter essa opinião é considerar os índios como “gente de tal inocência”. A expressão “não duvido (nom doujdo)” evidencia o processo argumentativo em que uma crença leva ao estabelecimento de uma conclusão.

Além de narrar e argumentar, o falante também pode expor fatos e relacionar proposições de forma lógica, sem o envolvimento de sua opinião pessoal. Nesse caso, o emissor fala sobre um assunto de maneira objetiva, utilizando dados, comparações e informações comprováveis ou observáveis, como o que ocorre no exemplo (3).

(3) eu tenho agora sabido que meu filho morreo de peçonha, que vos e vossos filhos lhe destes, e portanto estay todos presos; (Século XVI-1 – Crônicas dos Reis de Bisnaga. Grifo nosso.).

No trecho anterior, a prisão de um grupo de pessoas se dá por terem envenenado e matado uma pessoa. Matar alguém e ser preso são fatos relacionados de forma objetiva e imparcial, sem que haja envolvimento de uma opinião pessoal do emissor. Assim, o trecho apenas expõe dois acontecimentos que se relacionam no mundo de forma lógica.

Uma quarta possibilidade é descrever um objeto, uma pessoa, um lugar ou uma situação em um texto. A sequência descritiva, ilustrada pelo exemplo (4), costuma servir de pano de fundo para outros acontecimentos mais importantes em um texto (Vieira, 2016).

(4) Estes passaros são do tamanho de Pegas, mais brancos que vermelhos, têm côr graciosa de hum branco espargido de vermelho, o bico he comprido, e parece huma colher; para tomar o peixe tem este artificio: bate com o pé na agua, e tendo o pescoço estendido espera o peixe e o toma, e por isso dizem os Indios que tem saber humano (Século XVI//2 – Tratados de gente e terra do Brasil. Grifo nosso.).

Como se pode observar, a função do trecho anterior é descrever um pássaro e falar sobre a forma como ele caça peixes.

Por fim, o quinto e último tipo é a sequência dialógica (ou dialogal). De acordo com Adam (2008), ocorre em situações em que há diálogos, com alternância entre turnos de fala. Tendo em vista a natureza dos textos selecionados na amostra, com pouco espaço para construção de diálogos, são pouquíssimos os dados de construções conclusivas nesse tipo de sequência. O exemplo (5) é um dos poucos encontrados.

(5) - Es tu - disse Gil L(ourem)ço - da companhia que foram ao Vall do Laramjo?
- Sy, som, - disse elle - & se lhe allgu~ bem aves de faz(er) na~o temdes que tardar, caa elles sa~o allem da Torre Vermelha & tem ally o porto aos mouros, os quais, se passassem, seria neçessario que os nossos pereçesse~ todos, caa sa~o tamtos que ha' çimq(uoem)ta pera hu~, & por isso vou assy trigoso chamar o comde, q(ue) lhes acorra (Século XV – Crônica de D.Pedro de Meneses. Grifo nosso.).

No exemplo, o autor expõe um diálogo entre duas pessoas com o uso do discurso direto. A própria organização do trecho demonstra que se trata da alternância entre dois turnos de fala.

Ao analisar a ocorrência de construções conclusivas em diferentes tipos de sequências textuais, buscamos verificar se a função principal do trecho em que ocorre a construção pode, de alguma forma, estar relacionada à ocorrência de construções específicas. Em outras palavras, como já mencionado, o objetivo central deste estudo é verificar se o tipo de sequência textual pode favorecer a ocorrência de construções conclusivas com conectores específicos. Para isso, adotamos os procedimentos de análise que serão descritos na seção 3.

3 Procedimentos de análise

Para verificar uma possível correlação entre construções conclusivas com “portanto”, “por isso”, “logo” e “então” e sequências textuais ao longo do tempo, selecionamos uma amostra composta por textos de diferentes estágios do português – período arcaico (século XIII até primeira metade do século XVI), clássico (segunda metade do século XVI até século XVIII) e moderno/contemporâneo (século XIX em diante) (Mattos e Silva, 1994, 2007; Castro, 2013).

Para cada século, foram selecionados dois textos, com exceção dos séculos XX e XXI, que contam com um representante cada. Assim, nossa amostra é formada por dezoito textos no total. A fim de equilibrar a quantidade de material analisado, os textos selecionados para cada período possuem um total de aproximadamente duzentas mil palavras. O quadro 1 organiza as informações sobre a amostra.

Quadro 1 – Amostra selecionada

Texto	Século	Número de palavras
Afonso X, Foro Real	XIII	31.433 ^I
Chancelaria D.Afonso III	XIII	17.629
Orto do esposo	XIV	31.090 ^{II}
Livro de linhagens do Conde D.Pedro	XIV	16.936 ^{III}
Carta de Caminha	XV	8.276
Crônica de D.Pedro de Meneses	XV	44.396 ^{IV}
Crônicas dos Reis de Bisnaga	XVI-1	21.696 ^V
Crônica do Rei D.Afonso Henriques	XVI-1	26.750 ^{VI}
TOTAL	PERÍODO ARCAICO	198.206
Texto	Século	Número de palavras
Vida da sereníssima Princesa Dona Joana	XVI-2	36.114
Tratados da terra e gente do Brasil	XVI-2	27.074
Jornada dos vassalos da Coroa de Portugal	XVII	34.945
Gazeta da restauração	XVII	25.235
Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora	XVIII	52.078
Vida e morte de Madre Helena da Cruz	XVIII	26.320
TOTAL	PERÍODO CLÁSSICO	201.766
Texto	Século	Número de palavras
Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna	XIX	54.588
Cartas de leitores de jornais da Bahia	XIX	30.113
Norte do Brasil	XX	44.279
Matérias de capa da revista Azul magazine	XXI	55.406
TOTAL	PERÍODO MODERNO	184.386

Fonte: Floret, 2022, p.62.

Legenda do quadro 1

- I - Consideramos os dados encontrados até o capítulo 17 do texto.
- II - Consideramos apenas os dados encontrados nos livros I, II e III.
- III - Consideramos apenas a primeira metade do texto.
- IV - Consideramos apenas os dados encontrados até o capítulo 41.
- V - Consideramos apenas os dados encontrados até o Título 20.
- VI - Consideramos apenas os dados encontrados até o capítulo 29.

A partir da seleção da amostra, fizemos uma leitura cuidadosa de todos os textos e coletamos os dados com alguma das construções conclusivas consideradas. Esses dados foram analisados tendo em vista diversas propriedades, tanto no âmbito da forma quanto do significado (ver Floret, 2022). Para os limites deste artigo, trataremos apenas dos resultados relacionados à propriedade “sequência textual”, já abordada anteriormente.

Por fim, os dados selecionados e analisados passaram por tratamento estatístico no programa GoldVarbX (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), o que nos permitiu verificar a distribuição das construções conclusivas de acordo com a sequência textual ao longo do tempo. Os dados encontrados serão expostos e analisados na seção seguinte.

4 Sequência textual: fator decisivo para a escolha da construção conclusiva?

Neste estudo, consideramos apenas quatro construções conclusivas dentre diversas outras que existem na língua. De acordo com o Princípio de Não Sinonímia (Goldberg, 1995; Croft, 2001), se duas construções são diferentes no que diz respeito à forma, também deve haver diferenças no âmbito do significado. Em outras palavras, o falante não usaria uma das

quatro construções analisadas de forma aleatória, mas, sim, motivado por alguma diferença semântica ou pragmática. Ainda que possam parecer sinônimas, podemos esperar que algum fator, ainda que muito sutil, leve à escolha de uma construção específica.

Um dos fatores que pode determinar a escolha por uma construção são as características do trecho discursivo em que a construção conclusiva é usada. Podemos esperar que o emissor escolha uma das quatro construções por influência da função principal da sequência — narrar, argumentar, expor, descrever ou dialogar? A possível correlação entre sequência textual e construção conclusiva sofreu mudanças ao longo do tempo? Essas são as perguntas para as quais tentaremos encontrar respostas através dos dados analisados. Apresentamos, primeiramente, a tabela 1, com os dados encontrados para o período arcaico.

Tabela 1 – Período arcaico

Conector	Narrativa	Descritiva	Argumentativa	Expositiva	Dialógica	TOTAL
Logo	3 = 75%	0	0	1 = 25%	0	4
Portanto	3 = 21,4%	0	3 = 21,4%	8 = 57,2%	0	14
Por isso	4 = 21%	0	6 = 31,6%	8 = 42,1%	1 = 5,3%	19
Então	27 = 77,2%	0	4 = 11,4%	4 = 11,4%	0	35

Fonte: Floret, 2022, p.105.

Como mostra a tabela 1, no período arcaico, as construções com os conectores adverbiais, “logo” (75%) e “então” (77,2%), ocorrem mais frequentemente em sequências narrativas. Em outras palavras, ao narrar uma história, o falante tende a escolher um desses conectores. Entre os 37 dados encontrados em sequências narrativas, 30 (81,1%) são preenchidos por um deles.

Já os conectores de base preposicional – “portanto” (57,2%) e “por isso” (42,1%) - tendem a ser usados quando se trata de um trecho expositivo. Foram encontrados 21 dados nesse tipo

de sequência, sendo 16 (80%) correspondentes à construção com um dos conectores. É necessário ressaltar que, no período arcaico, a distribuição dos conectores adverbiais é mais restrita, com índices bem mais altos para um mesmo tipo de sequência. Por sua vez, os conectores preposicionais tendem a apresentar maior variabilidade e, portanto, maior chance de ocorrer em sequências de diversos tipos, o que é evidenciado por índices mais equilibrados do que os dos outros conectores. Quanto aos dados em sequências descritivas ou dialógicas, fica claro que são raros nesse período de tempo, com apenas uma ocorrência de sequência dialógica com “por isso”.

O período clássico apresenta distribuição semelhante, ainda que possamos apontar algumas diferenças.

Tabela 2 – Período clássico

Conector	Narrativa	Descritiva	Argumentativa	Expositiva	Dialógica	TOTAL
Logo	8 = 72,7%	0	3 = 27,3%	0	0	11
Portanto	0	0	0	1 = 100%	0	1
Por isso	7 = 29,2%	6 = 25%	3 = 12,5%	8 = 33,3%	0	24
Então	7 = 70%	1 = 10%	2 = 20%	0	0	10

Fonte: Floret, 2022, p.106.

Em primeiro lugar, a tabela mostra que o período clássico conta com um número menor de dados em relação ao período arcaico. Um exemplo disso é a construção com “portanto”, com apenas uma ocorrência. De todo modo, a tendência encontrada no período arcaico acaba se mantendo até o período clássico. As construções com “logo” (72,7%) e com “então” (70%) são consideravelmente mais frequentes em trechos narrativos. Dentre os 22 dados para esse tipo de sequência, 15 (68,2%) são construções conectadas por um desses elementos.

Por sua vez, as 9 ocorrências de construção conclusiva em sequências expositivas são compostas por um dos conectores

preposicionais (100%). A distribuição das construções com “por isso”, que já é relativamente equilibrada no período arcaico, fica ainda mais no período clássico, com índices próximos entre sequências expositivas (33,3%), narrativas (29,2%) e descritivas (25%). Assim, pelo menos até o período clássico, podemos confirmar a variabilidade dessa construção, ainda que com uma pequena vantagem para as sequências expositivas.

Por fim, a tabela 3 mostra a distribuição das construções no período moderno/contemporâneo.

Tabela 3 – Período moderno/contemporâneo

Conector	Narrativa	Descritiva	Argumentativa	Expositiva	Dialógica	TOTAL
Logo	1 = 50%	0	1 = 50%	0	0	2
Portanto	8 = 15,4%	5 = 9,6%	14 = 26,9%	25 = 48,1%	0	52
Por isso	45 = 48,9%	6 = 6,5%	18 = 19,6%	21 = 22,8%	2 = 2,2%	92
Então	13 = 48,2%	4 = 14,8%	2 = 7,4%	8 = 29,6%	0	27

Fonte: Floret, 2022, p.107.

A construção com “logo”, que já não era muito frequente nos períodos anteriores, torna-se ainda menos frequente no período mais atual. Seus dois dados se distribuem entre sequência narrativa (50%) e argumentativa (50%). A construção com “então”, que era muito mais recorrente em sequências narrativas até o período clássico, continua a ser no período moderno/contemporâneo (48,2%), mas com uma distribuição bem mais equilibrada, especialmente com as sequências expositivas (29,6%). Agora, entre os 67 dados em sequências narrativas, apenas 14 (20,9%) correspondem a um dos conectores adverbiais. Ao longo do tempo, sequências narrativas se tornaram aparentemente mais abertas a receber relações conclusivas conectadas por outros elementos.

A construção conectada por “por isso”, que vinha apresentando maior equilíbrio entre os diversos tipos de

sequência ao longo do tempo, passa a predominar em sequências narrativas (48,9%). Ela corresponde a 45 dos 67 dados encontrados em trechos narrativos (67,2%), espaço antes ocupado pelos conectores adverbiais. No período mais atual, a sequência expositiva se torna a segunda opção de ocorrência da construção (22,8%), com apenas 3 dados a mais em comparação com a argumentativa (19,6%).

A construção com “portanto” é a que apresenta trajetória mais linear em relação às outras. No período moderno/contemporâneo, continua a ser mais frequente em sequências expositivas (48,1%). Dos 54 dados nesse tipo de sequência, 25 (46,3%) são conectados por “portanto”. Consideradas em conjunto, as construções com conectores de base preposicional “por” correspondem a 46 (85,2%) dos 54 dados em sequências expositivas, evidenciando que, apesar de algumas mudanças na trajetória das construções, a predominância desses conectores em trechos expositivos se mantém.

Dado o elevado número de ocorrências da construção com “por isso” em sequências narrativas no período moderno/contemporâneo, e considerando que esse padrão difere do observado nos períodos anteriores, fizemos um cruzamento de dados entre a sequência textual e os textos da amostra. Esse procedimento permite verificar se o aumento é indicativo de uma mudança ocorrida entre os períodos clássico e moderno/contemporâneo, se reflete características específicas de um dos textos selecionados, ou se resulta da preferência de algum autor por essa construção. Os resultados estão apresentados na tabela 4.

Tabela 4 – Sequência textual e texto da amostra no período moderno/contemporâneo

	Narrativa	Argumentativa	Expositiva	Descritiva	Dialógica	TOTAL
Memórias do Marquês da Fronteira e d’Alorna – XIX	48 = 96%	1 = 2%	0	0	1 = 2%	50
Cartas de leitores de jornais da Bahia – XIX	13 = 25,4%	19 = 37,3%	19 = 37,3%	0	0	51
Norte do Brasil – XX	4 = 11,1%	13 = 36,1%	14 = 38,9%	4 = 11,1%	1 = 2,8%	36
Matérias de capa da Azul Magazine - XXI	2 = 5,5%	2 = 5,5%	21 = 58,4%	11 = 30,6%	0	36

Fonte: adaptado de Floret, 2022.

Como é possível observar, não podemos afirmar que a alta frequência da construção com “por isso” em sequências narrativas no período moderno/contemporâneo indica mudança nas tendências encontradas até então. Nesse caso, o que ocorre é que um dos textos da amostra — Memórias do Marquês da Fronteira e d’Alorna, século XIX — enviesa os dados, de maneira que suas características particulares acabem se refletindo sobre os resultados do período como um todo.

Das 50 construções conclusivas identificadas nesse texto, 48 estão em trechos narrativos, o que é compreensível por se tratar de um texto de memórias. Dessas 50 construções, 41 são conectadas por “por isso”², o que corresponde a 82% dos dados. Portanto, o texto é predominantemente composto por construções com “por isso” e quase exclusivamente por

² No estudo mais amplo (Floret, 2022), foram levantadas as quantidades de todos os conectores em cada texto da amostra, o que nos permitiu ter conhecimento desse dado.

trechos narrativos. Consequentemente, a grande maioria das construções conclusivas é conectada por “por isso” e está em trechos narrativos.

No período moderno/contemporâneo como um todo, foram encontrados 45 dados de “por isso” em sequências narrativas, o que mostra que a maior parte desses dados vem especificamente do texto em questão. Assim, fica claro que qualquer afirmação precisa ser feita com cautela, já que, nem sempre, o que encontramos indica algum tipo de mudança em curso. Pode ser, como é o caso, que seja apenas o reflexo das características de um texto da amostra sobre resultados mais gerais de uma pesquisa (Floret, 2024).

De maneira geral, os dados encontrados permitem confirmar a correlação entre o tipo de conector e a sequência textual. Por um lado, temos os conectores de base adverbial, que ocorrem mais frequentemente em sequências cuja função é narrar eventos que se organizam na linha do tempo. Uma possível explicação para esse fato é a origem desses conectores como advérbios de tempo (Martelotta; Silva, 1996; Longhin-Thomazi, 2006; Oliveira, 2011), sendo utilizados ainda hoje com esse significado. Narrativas costumam ser ancoradas no tempo, o que resulta em predomínio de sequencialidade temporal e, portanto, no uso de conectores que carregam esse significado.

Observa-se também uma correlação entre os conectores de base preposicional, “portanto” e “por isso”, e a sequência expositiva. Ao longo do tempo, esses conectores confirmam sua conexão com trechos desse tipo. Esse padrão pode ser atribuído ao fato de que exposições são ancoradas em fatos e suas implicações, uma possível justificativa para a predominância de conectores formados por preposições, que têm seu significado

mais frequentemente relacionado a usos concretos, como o espacial (Downing, 2015). A única exceção encontrada é a construção com “por isso” no período moderno/contemporâneo, cuja frequência atípica em trechos narrativos é reflexo das características particulares de um dos textos da amostra.

Assim, a análise dos dados mostra que a sequência textual é um dos fatores que motiva a escolha do falante por conectores conclusivos específicos, desde o período arcaico até registros mais atuais. Na verdade, o que podemos observar é uma correlação entre a sequência e a base do conector que compõe a construção conclusiva, se adverbial ou preposicional.

De todo modo, encontramos duas tendências principais. Ao narrar, o falante tende a expressar a relação de conclusão através de conectores adverbiais, “logo” ou “então”, que ainda se associam a usos temporais e ajudam a sequenciar eventos na linha do tempo. Por outro lado, ao expor, é mais provável que escolha um dos conectores de base preposicional, “portanto” ou “por isso”. Preposições são frequentemente associadas a sentidos concretos, especialmente o de espaço, o que se alinha com o fato de que sequências expositivas se relacionam a fatos e suas implicações.

5 Considerações finais

Ao longo deste estudo, analisamos construções conclusivas preenchidas por quatro conectores diferentes. Em princípio, todas elas servem para expressar o mesmo sentido – o de conclusão. Por isso, costumam ser consideradas intercambiáveis entre si.

Entretanto, o Princípio de Não Sinonímia (Goldberg, 1995; Croft, 2001) prevê que a diferença na forma implica alguma

diferença no nível do significado, de maneira que o falante escolha construções específicas, a depender do contexto. Dessa maneira, analisamos o trecho do discurso em que cada uma das construções foi encontrada, a fim de verificar se as características da sequência textual podem motivar o uso de formas específicas.

Foram encontradas evidências de que a sequência textual é um dos fatores que diferenciam essas construções. Em sequências narrativas, o uso de construções com os conectores “logo” e “então”, de base adverbial, foi mais frequente. Por sua vez, sequências expositivas se correlacionam a construções com “portanto” e “por isso”, conectores preposicionais. Assim, a depender da função do trecho do discurso, o falante tende a expressar conclusão através de conectores específicos. Como já mostramos anteriormente, a correlação entre a base do conector e o tipo de sequência pode ser explicada pela natureza do significado desses conectores, ancorada em sentidos mais ou menos concretos, relacionados a tempo e espaço.

É necessário ressaltar, todavia, que o fato de uma construção ser mais frequente em determinado contexto não bloqueia a possibilidade de ocorrência de outra construção. Como vimos, ainda que a frequência de uma construção seja mais alta do que de outra, a outra também pode ocorrer. Isso significa que o falante tende a escolher uma forma, mas não está impedido de usar outra, caso deseje.

Além disso, as tendências encontradas se mantêm ao longo do tempo; desde o século XIII até o momento atual, a correlação sequência narrativa – conector adverbial e sequência expositiva – conector preposicional se mantém. Por se tratar de um fenômeno vivo e em constante mudança, encontramos variações de frequência, sequências que vão ganhando ou perdendo espaço,

correlações que se fortalecem ou se enfraquecem, mas, ainda assim, podemos esperar que o tipo de sequência textual favoreça o uso de determinados conectores.

Acreditamos que haja outros fatores que influenciem o uso dessas construções em situações específicas. Portanto, um desdobramento futuro deste estudo será investigar outras propriedades, especialmente do nível do significado, que ajudem a explicar a distribuição de construções conclusivas em diferentes contextos de uso.

Referências

ADAM, Jean Michel. *A Linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

ARENA, Ana Beatriz. Multifuncionalidade e polissemia do então: um estudo pancrônico. *Dissertação* (Mestrado em Estudos de linguagem), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. Gramaticalização das conjunções na história do português. *Tese* (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BOYLAND, Joyce Tang. Usage based models of language. In: EDDINGTON, D. (ed.) *Experimental and quantitative linguistics*. Munique: Lincom, 2009, p.351 – 419.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan.; BECKNER, Clay. Usage-based Theory. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). *The*

Oxford handbook of Linguistic analysis. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 827 – 855.

CASTRO, Ivo. Formação da Língua Portuguesa. In: RAPOSO, E. *et alii*. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 7 – 13.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, Holger. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (ed.) *Handbook of cognitive Linguistics*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2015, p.295 - 321.

DOWNING, Angela. *English grammar: a University course*. Nova Iorque: Routledge, 2015.

FLORET, Mayra França. A trajetória das construções conclusivas com portanto, por isso, logo e então. *Tese* (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2022.

FLORET, Mayra França. A influência da amostra na ordenação de construções causais com porque e por+infinitivo. *Revista Todas as Letras*, v.26, p.1 – 16, 2024.

GOLDBERG, Adele Eva. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Express, 2006.

IBBOTSON, Paul. The scope of usage-based theory. *Frontiers in Psychology*, volume 4, artigo 255, p. 1-15, 2013.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. *Gragoatá*, Niterói, n.21, p. 59 – 72, 2006.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; SILVA, Lucilene Rodrigues. Gramaticalização de então. In: MARTELOTTA, M. E; VOTRE, S. J; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no Português do*

Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para uma caracterização do período arcaico do Português. *D.E.L.T.A*, v. 10, Número especial, p. 247 – 276, 1994.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Novas contribuições para história da língua portuguesa: ainda os limites do português arcaico. *Diadorim*, v. 2, p. 99 – 113, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma versão integrada das construções complexas de causalidade. *Actas do XIII Encontro nacional da Associação portuguesa de Linguística*, v.2, p. 143 – 154, 1998.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Pereira. *A sintaxe da coordenação e os conectores conclusivos*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2011.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. In: MACEDO, A. T. *Variação e discurso*. 1ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996, p. 63 – 74.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Forma e função nos gêneros do discurso. *Alfa*, v. 41, Número especial, p. 79 – 98, 1997.

PEZATTI, Erotilde Goreti. Portanto: conjunção conclusiva ou advérbio. *Scripta*, Belo Horizonte, v.4, n.7, p. 60 – 71, 2000.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney. LEECH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan. *A comprehensive grammar of the English language*. Londres: Pearson Longman, 1985.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and*

Windows. University of Toronto, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIEIRA, Marília Silva. *Aí, daí e então em Campo Grande e São Paulo: análise sociofuncionalista no domínio da causalidade. Tese (Doutorado em Letras)*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.